

## ***Curso, Corsão, Corsa – “Zorra”***

### **– Quantos Referentes e Signos Linguísticos?**

## **Da Beira Alta às Ilhas ou dos Estudos Culturais aos Estudos Linguísticos**

Maria Helena Dias Rebelo (\*)

*Para lembrar o que costuma ser esquecido  
Para a bisavó Antónia Cerdeira, que era do Seixo*

### **Considerações Introdutórias**

Estudar a linguagem verbal deveria implicar a observação da realidade a que as línguas se reportam porque elas são, sobretudo, referenciais, embora tenham outras funções, como explicou, com clareza, Roman Jakobson (2005), e também se possam estudar, teoricamente, sem olhar para o meio comunitário em que elas surgem. No plano teórico, algumas correntes linguísticas abstraem-se de tal modo da linguagem do quotidiano que criam exemplos e *corpora* perfeitos para uma análise linguística à medida do que é pretendido. Prefere-se aceitar as dificuldades que a linguagem verbal comum coloca, no plano prático, na vida quotidiana, com as suas imperfeições e irregularidades. Derivada do meio comunitário, uma língua está interligada com a realidade social e cultural de quem fala. Por isso, para compreender termos e conceitos, também foram surgindo, ao longo dos tempos, métodos de estudo envolventes, no sentido de contemplarem tanto a linguagem verbal, como a dimensão cultural. O ponto de vista vai variando em função da referência seguir ou uma dinâmica de investigação linguagem/ palavra -> cultura/ coisa ou a outra: cultura/ coisa -> linguagem/ palavra. Ao estabelecer a diferença entre “langue”/ “Sprach” (língua) e “parole”/ “Rede” (fala), Ferdinand de Saussure explicitou que “toute définition faite à propos d’un mot est vaine ; c’est une mauvaise méthode que de partir des mots pour définir les choses.” (1985, 31). Assim, no entender do fundador da Linguística, é um mau método partir das palavras para as definições das coisas. Também

---

(\*) Doutoramento em Linguística Portuguesa – Universidade da Madeira-FAH-DLLC.  
Pós-doutoramento – CLLC-Universidade de Aveiro. E-mail: helenreb@uma.pt

adiantou que “Le signe linguistique unit non une chose et un nom, mais un concept et une image acoustique.” (p. 98), ou seja, abstrai-se da realidade envolvente para se concentrar no plano linguístico do signo de duas faces com o significado e o significante. Aqui, dirige-se o olhar, primeiro, para o mundo extralinguístico e, depois, para o linguístico. No entanto, a temática que se aborda resulta da observação de diversidade de, comumente, quatro palavras, para, a considerar a bibliografia consultada, um mesmo conceito, ou seja, “meio de transporte por arrastamento”. Procura-se uma explicação para o caso e crê-se que a diversidade de palavras se deve não a questões de significante (1 conceito – 1 palavra com 4 formas), mas de significado (4 conceitos – 4 palavras). É o que se pretende demonstrar com “corso”, “corsão”, “corsa” e “zorra”: palavras usadas para referenciar coisas que constituem, em diferentes regiões, meios de transporte de carga.

Vem isto a propósito de, num inquérito linguístico a um idoso de Ruivós, no concelho do Sabugal, Guarda, Beira Alta, para recolha lexical, se ter ouvido e registado o termo “corso”/ “corço”. Desde então, tem-se pesquisado para compreender a relação deste termo com o seu conceito, uma vez que se conheciam outros muito próximos. Por conseguinte, foi indispensável, por um lado, colocá-lo em paralelo com “corsa”/ “corça”, já que estas formas estão presentes em bibliografia da Região Autónoma da Madeira, e, por outro, com “corsão”/ “corção”, também usado pelo idoso de Ruivós e, igualmente, registado em referências sobre o território madeirense, mas importante por se ter recolhido na ilha de São Jorge, nos Açores. A questão da grafia com <ç> ou <s> é interessante, embora não seja primordial. Segue-se a escrita com <s> por parecer, no geral, ser predominante. Aqui importa mais a fonia e o signo linguístico com a dupla face de significado – significante. Serão termos diferentes e equivalentes ou um com variantes? Representam, culturalmente, o mesmo, remetendo para apenas uma coisa, ou seja, um referente? Portanto, trata-se de saber se, a nível linguístico, “corso”, “corsão”, “corsa” são três signos distintos ou se é apenas um com variantes no significante. Estas interrogações desencadearam, metodologicamente, uma pesquisa específica sobre a temática, de que se dá conta, partindo do concelho do Sabugal, mais precisamente de Ruivós, passando pelos Açores e acabando na Madeira, a fim de sintetizar os dados.

### **Metodologia de investigação: coisas <-> palavras**

Que metodologia seguir? O método científico aplicado à área da Linguística permite uma investigação por diversas fases metodológicas que, na verdade, se adequam a qualquer procedimento científico: 1) Estabelecer um tema de estudo. 2) Colocar hipótese(s) e delinear o problema subjacente com uma pergunta. 3) Recolher dados. 4) Observar os dados recolhidos. 5) Analisar os dados em observação. 6) Descrevê-los. 7) Tirar conclusões. 8) Responder à(s) pergunta(s) formulada(s) e à(s) hipótese(s) colocada(s). Vai seguir-se para compreender a amplitude da temática aqui esboçada em questões de Património Linguístico, em que a Cultura tem de ser evidenciada. Aliás, a visão saussuriana esquece a coisa e concentra-se no que se refere ao designado

“signo linguístico” (diferente de “palavra”). Segundo Ferdinand de Saussure (1985, 97-103), no estudo científico da linguagem verbal, um signo linguístico comporta duas faces indissociáveis: um significante (a parte material, tangível, enquanto “imagem acústica”) e um significado (a parte conceptual, o sentido). Neste ponto, relativamente ao caso em estudo, o que se tem é, em princípio, um significado, mas vários significantes. Pressupõe ir ao fundo da questão e procurar nas coisas, para as quais remetem as palavras e os signos, uma solução.

O método *Wörter und Sachen*, em português “palavras e coisas”, de Rudolf Meringer e Hugo Schuchardt terá sido invertido por Schuchardt, que o terá alterado para “*Sachen und Wörter*”, ou seja, “coisas e palavras”. Defendendo a Ecolinguística (“o estudo das relações entre língua e meio ambiente, tomando-se a última expressão no sentido de entorno da língua”), Hildo Honório do Couto faz sobressair os desentendimentos entre ambos os estudiosos alemães, no seu artigo “Onomasiologia e semasiologia revisitadas pela ecolinguística”. Segundo Jamille Rabelo de Freitas (2011), que publicou na Internet uma breve síntese, a origem da designação do método original está no nome da revista onde surgiram resultados dos trabalhos realizados, em que a coisa era já importante:

O método de *Wörter und Sacher*, também conhecido como o método das palavras e coisas, foi fundado em 1909, por Rudolf Meringer e Hugo Schuchardt. O método, que pregava a precedência das coisas em relação às suas denominações, recebeu esse nome da revista onde os resultados desses estudos foram publicados, a revista *Wörter und Sachen*, *Kulturhistorische Zeitschrift für Sprach – und Sachforschung*, que teve entre os fundadores o próprio Rudolf Meringer, um dos mentores do método.

De acordo com a proposta dos seus mentores, o método fazia um estudo minucioso da realidade das coisas e do conhecimento proveniente delas, sempre se baseando no estudo da etimologia da palavra que a designava. Segundo eles (p. 74), “as coisas precedem suas denominações e podem até existir sem que as tenham”; por isso, seria necessário conhecer primeiramente o conceito da coisa, para em seguida, nomeá-la corretamente, de maneira a obter uma significação também coerente.

No seguimento dessa brevíssima exposição, aproxima o método da Geografia Linguística e distancia-o da proposta dos Neogramáticos. Seguindo Basseto, afirma:

“Analisando o método vemos a sua estreita relação com o método da Geografia Lingüística, que se ocupa da situação de uma língua em determinado momento, em localidades ou em regiões previamente escolhidas. O fato de não utilizar documentos escritos como objeto de sua pesquisa, dando ênfase

à linguagem falada, aliado à importância dada à significação dos vocábulos, parecem ter sido alicerces da construção desse método de palavras e coisas.

Assim, e de acordo com Basseto [BASSETO, Bruno Fregni. O trabalho filológico. In Elementos de filologia românica: história externa das línguas. Volume 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, pp 74-76], esse movimento “rompeu os limites estreitos dos neogramáticos” – que preocupavam-se apenas com o aspecto fonético – “buscando o que há de vivo e não sujeito às leis cegas, buscando estabelecer a etimologia e até a biografia das palavras, deu o devido lugar à semântica e tornou os estudos filológicos mais objetivos.”

A proposta metodológica teve vários adeptos e seguidores um pouco por todo o mundo. Para indicar exclusivamente dois linguistas de língua portuguesa, aponta-se o português Herculano de Carvalho. Não é, por conseguinte, aleatório começar, ou não, pelas palavras, numa abordagem científica. Iniciando em *Wörter/ palavras*, o domínio científico será o da Linguística. Se for *Sachen/ coisas*, passa-se para o âmbito da Cultura. Procura-se ultrapassar este ponto de vista unilateral para cada uma. Não sendo viável a sobreposição da interdisciplinaridade, consideram-se complementares com visão bilateral, na interligação das disciplinas científicas Linguística <-> Cultura/ Etnografia/ Antropologia. O ser humano produz palavras porque necessita de nomear, algo que criou, embora as línguas não sejam unicamente nomenclaturas. Dependendo das circunstâncias, o processo pode ser invertido, a coisa primeiro e a palavra a seguir/ a palavra primeiro e a coisa depois. Metodologicamente, *Coisas e Palavras* ou *Palavras e Coisas* evidenciam problemas de índole cultural com reflexo nos elementos linguísticos e *vice-versa*, o que, para o caso em estudo, é muito pertinente.

Enquanto seguidor desse método, José Herculano de Carvalho (1953: x-xi) retoma Schuchardt: “Em relação às palavras, os objetos é que são primaciais e fixos, as palavras encontram-se-lhes ligadas e movem-se à sua volta”. Acrescenta que “O objecto é a realidade – a palavra apenas o sinal que evoca essa realidade.” A partir daí, ou seja, da coisa, do referente, posiciona-se e afirma: “Se começarmos, pois, por analisar e estudar os objectos, como existentes por si, quando daí passarmos ao estudo das palavras, muitos problemas se encontrarão já de antemão resolvidos”. Escreveu o mestre de Coimbra (1953: ix):

um objecto qualquer de uso humano é sempre um elemento, embora humilde, de uma cultura, e é só na condição de ser considerado sob esse aspeto que o seu estudo pode permitir alcançar determinadas conclusões, que o transcendem a ele mesmo. Olhando-o a essa luz, o humilde objecto toma então um novo significado e o seu estudo entra no domínio da história cultural.

Herculano de Carvalho, na sua obra *Teoria da Linguagem* (vol. I, 1983, 19-20), define mesmo “cultura”, indicando haver várias definições e optar por “todo o conjunto de actividades que são realizadas pelo homem como membro de uma comunidade (...)”; ou, por outras palavras, “todas as actividades do homem como ser social, que não é apenas indivíduo – ser para si –, mas é participante de uma série de relações com outros indivíduos, com os quais realiza uma comunidade.” Ora, o tema do meio de transporte de arrasto com múltiplas designações, parece ser um caso de Cultura por estar relacionado com comunidades geográficas simultaneamente separadas, mas unidas por todo um património.

Perante o problema linguístico colocado no título deste estudo: “*Corso, Corsão, Corsa – “Zorra” – Quantos Referentes e Signos Linguísticos?*”, para responder cabalmente à questão, é indispensável colocar pelo menos três hipóteses:

- 1) Se corresponderem apenas a uma coisa, haverá um signo linguístico, comportando, este, variantes fonéticas ou morfológicas.
- 2) Se não houver apenas uma, mas várias coisas, serão diferentes (construção, tamanho, forma, etc.); então, terão de ser consideradas individualmente, identificando o que as distingue.
- 3) Se forem várias coisas, deverá haver tantos signos linguísticos quanto as coisas existentes.

### **Referente e Signo Linguístico**

Quando se parte dos conceitos para os termos – o método onomasiológico –, identifica-se um conceito para um termo, que nomeará um referente. Do ponto de vista do domínio técnico, um conjunto de vocábulos específicos denomina os referentes (as coisas) de uma atividade particular. Nesse sentido, cada termo se diferencia dos restantes do conjunto por conter elementos específicos. É certo que pode haver sinónimos devido aos níveis de língua, sendo o que acontece com “carro”, “automóvel” ou “veículo automóvel”. No entanto, sem ter em conta a variação social, numa língua, e num mesmo nível, considerando uma área específica como a dos transportes, a nomes diferentes, correspondem coisas distintas. Por conseguinte, retomando o problema central, “corso”, “corsão”, “corsa” e “zorra” poderão ser quatro termos porque remetem para quatro conceitos distintos. Resta saber o que os diferencia, no âmbito dos meios de transporte. Pode suceder equivalerem a elementos únicos numa determinada região (entrando aqui a variação geográfica) e não terem equivalente noutra. Sendo do mesmo plano de atividade, não surgem na mesma localidade, assumindo especificidades regionais.

Para a investigação, dividem-se essas palavras em dois grupos. Por um lado, as três primeiras porque possuem significantes próximos, parecendo variar unicamente uma suposta desinência: <-o> masculino, <-ão> masculino e aumentativo e <-a> feminino. Por outro lado, considera-se “zorra” com um significante completamente divergente dos três anteriores. Em função do caso “corso/ corsa/ corsão”, a pesquisa, enquanto trabalho de campo, centra-se

no âmbito da Cultura, retomando as perguntas essenciais. Como se explica a existência deste tipo de meio de transporte de carga na Beira Alta, isto é, no concelho do Sabugal, por não se possuir informação não se generaliza a mais territórios, e nos arquipélagos madeirense e açoriano? Haverá alguma relação entre a existência em Ruivós, na ilha da Madeira e na ilha de São Jorge dessas palavras para designar: “meio de transporte de carga pesada”?

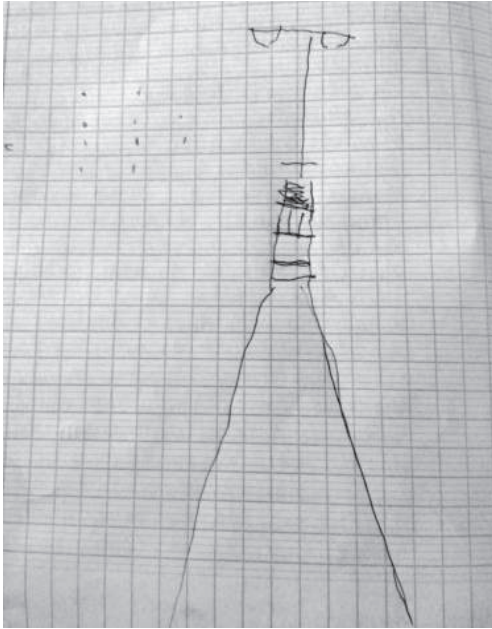


Foto 1 –Desenho de “corso” do informante de Ruivós, 2021

### Em Ruivós: “corso”

Com um informante de 92 anos, oriundo da aldeia de Ruivós (Sabugal-Guarda), hoje quase despovoada, embora ainda com mais de meia centena de habitantes, descobriu-se que, nesta aldeia da Beira Alta e nas redondezas, o [ˈkorsu] “corso” era, em tempos não muito remotos, isto é, no século XX (ainda há testemunhos do seu uso na década de oitenta), um meio de transporte de carga pesada. Com ele, deslocavam-se, de um lugar para outro, essencialmente, pedras bastante grandes, troncos e outros objectos impossíveis de transportar de outra maneira por serem extremamente pesados. Usava-se, ocasionalmente, quando necessário, sobretudo na construção de casas e poços para as pedras que seria impossível movimentar a braços ou por outro meio. Tendo-lhe sido perguntado se poderia ter outro nome, a resposta foi categoricamente negativa. Acrescentou, no entanto, que havia o “corsão”, mas não

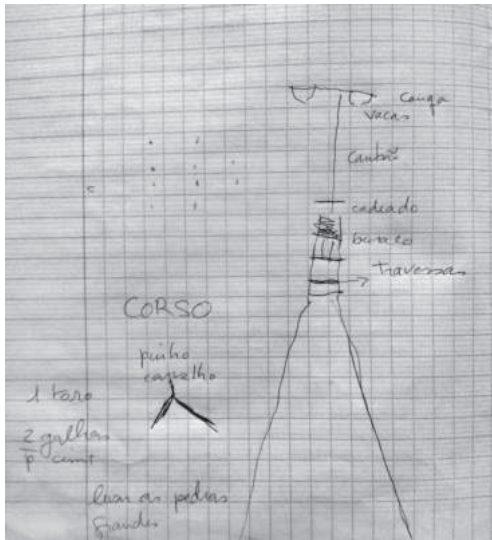


Foto 2 –Explicações adicionadas ao desenho, Helena Rebelo, 2021

era bem o mesmo porque era maior e levava mais peso. Portanto, segundo o informante, “corso” e “corsão” não têm o mesmo referente, uma vez que não representam a mesma coisa, embora tenham praticamente a mesma definição. Faz lembrar a diferença entre “casaco” e “casacão”, por este ser maior do que aquele. Além disso, o “casacão” é sinónimo de “sobretudo”, vestindo-se por cima do “casaco”. Portanto, não são o mesmo.

A explicação relativa à composição das peças constitutivas do “corso” é dada pelo informante com alguma desenvoltura. Junto a um desenho que ele próprio esboçou (Foto. 1), registou-se o nome das partes e das peças (Foto 2), assim como outros pormenores, para descrever como era o “corso” que deixou de ser usado, por ser substituído por maquinaria pesada. Os veículos, sobretudo agrícolas, foram evoluindo e os que eram puxados por animais, nomeadamente vacas, deram lugar a aparelhos modernos e passaram a ter motor. Para não haver dúvidas, na descrição, frisou que a peça central do “corso” consistia numa bifurcação de um tronco de árvore (pinheiro ou carvalho), em formato v (Foto 3). Era um “toro” com duas “galhas”. O “cambão” ligava a “canga” ao “corso” e havia um “cadeado”. Tinha também “travessas” e “ia de zorro” (cf. o verbo da família do nome comum “zorra”, termo dicionarizado).

O idoso de Ruivós é bem claro: o “corso” tem uma bifurcação e parte de um ramo comum. É um todo. Se não for assim, é uma “grade”, que se usa nos nabais, para alisar, “endireitar” (termo do informante), a terra ou, com o mesmo propósito, “nas tapadas onde se vai semear o pão” (terrenos para o trigo), a fim de desfazer os “torrões”. Nesta, há duas partes paralelas e é onde o lavrador põe os pés, quando a usa em pleno movimento de equilíbrio, ao deslizar pelo terreno lavrado e, agora, gradeado (esterroar com a grade, aplanar). Procurou-se bibliografia para corroborar as afirmações recolhidas oralmente, mas as pesquisas empreendidas não deram resultados.

Pelo trabalho de campo desenvolvido ao longo de vários anos na região, atesta-se que, na própria aldeia ou nas localidades vizinhas, isto é,



**Foto 3** –Formato-base do “corso” em v, Helena Rebelo, 2021

pelo concelho do Sabugal, no início do século XXI, já não se viam exemplares deste sistema de transporte. Os veículos de carga, através de movimento por arrasto, poderiam pontualmente usar-se, mas o “corso” já não era utilizado, embora o informante confirme que ainda se pode ir buscar, se for preciso, por estar guardado, para casos de necessidade. Um pormenor importante quanto ao veículo realça que o tronco-base do “corso” se tornava ainda mais resistente, se estivesse seco porque guardado e envelhecido. Estando verde, era mais frágil, pelo que, durando anos e anos, a sua conservação justificaria a sua resistência.

A informação recolhida em Ruivós relativamente ao “corso” vinha acompanhada de muitas outras relacionadas com a aldeia e a vida quotidiana, os usos e costumes, além das tradições e de diversas outras matérias interessantes, incluindo do âmbito da Literatura Oral e Tradicional. Os ditados populares e as expressões locais iam sobressaindo. Todo este material é uma herança imaterial a analisar no âmbito do Património Linguístico e que se vai guardando para descrição futura. Fica, porém, já aqui registado o seguinte que ouvira à avó materna “sermão dado; sermão herdado”/ “sermão dado; sermão ensinado”/ “sermão ensinado/ sermão herdado”, a variação foi surgindo ao longo da recolha. De qualquer modo, sublinha-se a importância da transmissão de conhecimento de geração em geração, o que identifica o conceito de “património”. O destaque, de momento, é para o “corso” e para a relação da Beira Alta (no caso Ruivós e o Sabugal), com os Açores e a Madeira.

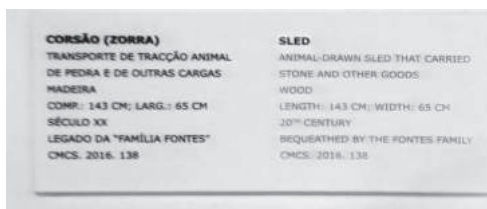


**Foto 4** – Fotografia de “corsão”, Helena Rebelo, Velas, 2019

### **Açores (São Jorge): “corsão”**

Em 2019, na Casa-Museu Cunha da Silveira, na localidade de Velas, na ilha de São Jorge, tomou-se nota de uma informação em tudo correspondente à explicação que o informante de Ruivós tinha facultado para o “corso”. Todavia, o nome divergia: “corsão” (Fotos 4 e 5). Correspondia ao meio grande de transporte de carga por arrasto. Curiosamente, a peça exposta no museu não era assim tão grande quanto isso. Aliás, as próprias medidas indicavam-no, ao lado da peça.

Perto da peça, a explicação museológica extraída de uma obra da autoria de Adelino Paim de Lima Andrade assinalava que “corsão” era um meio de transporte para carga pesada, não havendo qualquer registo do tamanho maior. Portanto, segundo a informação museológica, correspondia ao mesmo que “corso”, contrariamente à afirmação do informante de Ruivós. A tradução inglesa reforçava a ideia do formato em v e da semelhança com o “trenó” (“sled”):



**Foto 5** – Fotografia da legenda do “corsão”, Helena Rebelo, Velas, 2019

É um tipo de transporte por arrasto, género de um trenó, construído a partir do aproveitamento natural de um galho com um formato, em V, de madeira dura. Apesar da sua aparente simplicidade era de enorme eficiência e utilidade para lugares de difícil acesso ao carro de bois como terrenos íngremes e moles cujas rodas dos carros atolavam, sendo assim mais eficiente o deslizamento sobre a terra.

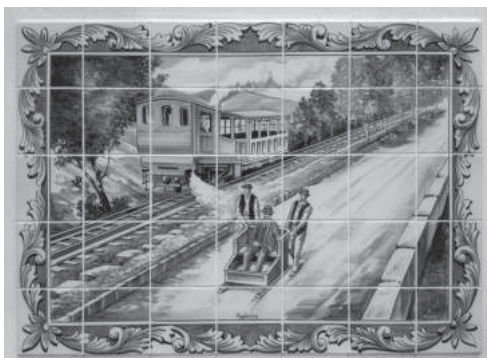
Similar to a traditional sled, it was a means of transportation that was dragged along the ground and built by using a V shaped branch of hard wood. Despite its apparent simplicity, it was extremely efficient and useful in places that were difficult for ox carts to reach, such as steep and soft terrain where wheels would get bogged down; therefore, dragging goods along the ground was much more efficient.

Adelino Paim de Lima Andrade  
in “Ontem” era assim.”

Não se encontrou mais nenhuma informação relativa à presença da coisa ou da palavra em território açoriano. Passando dos Açores para a Madeira, regista-se uma diferença substancial. Assinala-se, sobretudo, no formato, mas igualmente na quantidade de informação existente. Contudo, do masculino “corso” e “corsão” passa-se para o feminino “corsa”.

### **Madeira: “corsa”**

Na Região Autónoma da Madeira, por, segundo opinião generalizada em diversos



**Foto 6** – Fotografia de “carro de cesto”, Helena Rebelo, Monte, Funchal, 2021



**Foto 7** – Fotografia do percurso por onde vai deslizar uma “corsa” rudimentar, cedida por Gabriel Gouveia, Calheta, 2020



**Foto 8** – Fotografia de “corsa” rudimentar, cedida por Gabriel Gouveia, Calheta, 2020



**Foto 9** – Fotografia de “corsa” sem autor, recebida por “e-mail” em 2005, transporte de cana-de-açúcar, Funchal



**Foto 10** – Fotografia de “corsa” sem autor, recebida por “e-mail” em 2005, transporte de cana-de-açúcar, Funchal

contactos realizados, corresponderem “corsas” *grosso modo* a trenós, há quem as identifique com os “carrinhos” do Monte, ou seja, os chamados “carros de cesto” (Foto 6). Para vários funchalenses, esse afamado meio de transporte, hoje para turista, é identificado como “corsa”, por deslizar e transportar não cargas de mercadorias ou outras matérias quaisquer, mas pessoas. São vários os falantes que estabelecem esse paralelo, empregando o nome feminino “corsa”. Aliás, parece que o termo “corsa” é utilizado para uma estrutura similar que permita transportar carga (Fotos 7 e 8).

De *Madeira-Mar de Nuvens*, romance de Carlos Martins (1972), sublinham-se duas ocorrências: “Tiveram, por vezes, que desviarem-se [sic] de corsas carregadas de lenha, cuja velocidade na descida era regulada por cinco ou seis camponeses empunhando cordas que as seguravam.” (1972, 47) e “puxadas a muares, chegavam também corsas carregadas com grades de bebidas de várias qualidades.” (1972, 101). Na primeira citação, os homens controlam o movimento da “corsa”, enquanto na outra os animais é que a arrastam (Fotos 9 e 10). A imagem dos camponeses a controlar a “corsa” remete para o mesmo sistema que existia no Porto da Cruz, Cruz da Guarda, na zona da Portela (cf. RTP-Madeira, “Corsas”, programa ATLÂNTIDA 24-07-2021). Duas pessoas, uma à frente e outra atrás, guiavam e travavam a corsa, controlando-a. Nesta localidade madeirense, que, curiosamente, leva em parte dele, o topónimo do distrito do Sabugal: a Guarda, a tradição da “corsa” persistiu e não tinha animais a controlá-la porque eram duas as pessoas (dois homens) que garantiam o deslizamento: uma na parte da frente e a outra na traseira, para travar, quando e se fosse preciso. O relevo fazia com que na “corsa” se levasse inclusive carga mais leve do que pedras e madeira, já que servia igualmente para a erva e as batatas (“semilha”) e batata-doce.



**Foto 11** – Fotografia de miniatura de “corsa” da Cruz da Guarda, RTP\_Madeira, Helena Rebelo, 2021



**Foto 12** – Fotografia de “corsa” da Cruz da Guarda, em exposição, RTP\_Madeira, Helena Rebelo, 2021

Uma mais extensa referência à “corsa” encontra-se em Kate Brüdt (1938-1939, 310-312), que abordou o tema, no seu trabalho sobre a Madeira, preferindo grafar com <ç> “corça”. Foi também registado com <ç> no Jardim da Serra-Madeira (cf. Fotos 13a e 13b), mas escrito com <s> por Carlos Martins (cf. mais adiante em *Mar de Nuvens*) e no *Elucidário Madeirense* (cf. Adiante também). A estudiosa alemã dedica um ponto específico ao tema que intitula “As corças”, no plural. Esta opção morfológica pelo plural poderá ser sinal de que não existe uma única coisa com esse nome, mas várias. Havendo coisas – no plural – e uma palavra, a autora marca a pluralidade de “uma coisa”, como ela própria menciona pelas “diferentes formas” de uma coisa: “único meio de transporte da ilha [da Madeira], puxado por animais (...), a qual encontramos de diferentes formas”. Remete para vários autores que, salvo os do *Elucidário Madeirense*, não se conseguiram consultar, nomeadamente Koebel (104-111). Kate Brüdt identifica o meio de transporte como sendo um “veículo”, “duma só peça de pau resistente”. Assinala que existe igualmente nas Canárias, mas “na Madeira, representa a forma mais rudimentar”. Adianta que o “tipo mais primitivo” é a “corça de pau forçado” que “é absolutamente desconhecido na Madeira”. Explica com clareza o plural e as formas, indo às vivências das populações: “Parece terem sido os colonizadores quem introduziu a designação conhecida de corça na ilha da Madeira:

A corça forçada de Portugal continental = *corça* [nota 3: V. Correia, *TP*, III, 194].

A corça não forçada na Madeira = *corça*” [nota 4: cita o *Elucidário Madeirense* que prefere escrever com “s” – corsa > (lat.) *curros*: voltar-se-á à entrada do *Elucidário*].

Kate Brüdt (1938-1939, 311-312) passa para o “corção” e explica: “Essa corça rudimentar não bastava (...) se fez um aperfeiçoamento desta do qual resultou a corça com duas vigas, usada para transportar grandes cargas. Reconhece-se essa evolução na língua pelo acrescentamento do sufixo -ão. Dêste modo essa espécie de corça chama-se *corção*.” Vai acrescentando

informações relacionadas com a descrição dos formatos e dos materiais, assim como da carga a transportar. Parece passar de “corça” para “corção” sem grandes dificuldades. Vão surgindo diversos tipos: “corção de leite sólido” (= “corção de ferro”), “corções de pau”, corça com “varais de madeira”.

Os autores do *Elucidário Madeirense*, Padre Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, registam duas entradas, relativamente às quatro palavras aqui em destaque, definem, explicitando duas: “corsa” e “corsão”. Para “Transporte”, retoma ambos: “Para o transporte de cargas usam as *corsas* ou *corsões* (*corsas grandes*), que se compõem de dois madeiros paralelos e unidos entre si, com o comprimento de 1,6 m. a 3,0 m., e largura de 0,50 m... (...), ensebada a superfície de arrasto do trenó (...).” Quanto a “corsa”, Silva & Menezes dão uma descrição minuciosa do “Veículo de arrasto, de forma rudimentar, usado na Madeira e destinado somente ao transporte de carga.” Dão indicações linguísticas interessantes, nomeadamente que “É puxado por bois, ao inverso do que pretendem dicionaristas portuguesas, que o dizem movido por gente e usado no transporte de pessoas.” e que “É usado nas Canárias sob a mesma denominação (...), mas a informação linguística mais pertinente concentra-se na parte final da entrada:

O termo é único – pode talvez dizer-se – genuinamente português, que designa um veículo de arrastar. Julgamo-lo digno de aceite como vernáculo, tanto mais que parece derivar do latim *cursor*, e não há portanto razão para o desprezar, substituindo-o, como se faz muitas vezes na própria Madeira, pela palavra *zorra*, que, na generalidade, deve ser aplicada a certo veículo de rodas e só muito restrictamente a um carro de arrasto. Tão pouco não o pode substituir o vocábulo *trenó* [curioso o ter empegue como sinónimo de *corsa* na entrada Transportes], de origem francesa, que significa um veículo sem rodas para andar no gelo (...).

A palavra regional *corsa*, que parece não encontrar equivalente na língua, deveria talvez ter foros de nacional e passar à categoria vernácula, salvo a opinião das boas autoridades.

O Dr. Sloane, que visitou a Madeira em 1687, refere-se à *corsa*, sendo de crer que este veículo existisse já na ilha nos primeiros tempos da colonização.

Não foi viável localizar a versão de Sloane, que seria interessante ler. Quanto ao conteúdo de “corsão” é menor que o de “corsa”, remetendo para ela:

*Corsa* de grandes dimensões, em que a prancha é substituída por quatro barrotes dispostos em rectângulo muito alongado. Algumas vezes sobre este rectângulo descansa um largo estrado em forma de grade, que permite o transporte de cargas muito volumosas, como a rama de pinheiro para fornos de padeiro, pipas, mobiliário, etc..



**13a e 13b** – Fotografias de “corsa” (“corça”) em presépio no Jardim da Serra, ilha da Madeira, Helena Rebelo, 2019



**Foto 14a** – Fotografia de “corsa”, escultura no centro do Funchal, ilha da Madeira, Helena Rebelo, 2022



**Foto 14b** – Fotografia de “corsa”, animais, escultura no centro do Funchal, ilha da Madeira, Helena Rebelo, 2022



**Foto 14c** – Fotografia de “corsa”, parte lateral, intervenção do homem, escultura no centro do Funchal, ilha da Madeira, Helena Rebelo, 2022



**Foto 14d** – Fotografia de “corsa”, parte de trás da corsa, escultura no centro do Funchal, ilha da Madeira, Helena Rebelo, 2022

Não restam dúvidas que o formato distingue a “corsa” madeirense (sem v) do “corso” da Beira Alta (em v). A “corsa” é literalmente distinta, tanto do “corso”, como do “corsão” (pelo tamanho e pelo formato). Apresenta-se este com uma aparência semelhante à da “grade” beirã (em II, mas esta mais para o quadrado do que o “corsão”). Portanto, observa-se que a distinção se faz a nível do tamanho, quer entre “corso” (v) e “corsão” (V), quer entre “corsa” (II) e “corsão” (II). Agora, como explicar a dualidade para “corsão” (V e II) e o idêntico conceito com “zorra”?

### Significado/ Significante e “zorra”

Como pode um referente (se for apenas um único) envolver tal disparidade no significante? É sabido que a deturpação é comum no falar popular e, por isso, não seria de estranhar haver variantes fonéticas e morfológicas. No entanto, a variação manifesta-se a partir de uma forma tida como ponto de onde ocorrem as restantes. Portanto, importa saber qual delas será. Qual o significante, havendo três possibilidades, de um significado a considerar, a partir do qual surgem as variantes? Apontarão realmente todos três para um elemento comum, por ser constante a parte inicial “cors-”? É difícil dizer.

Os vocabulários regionais madeirenses vão registando a entrada (cf. Ribeiro, 1929; Pestana, 1940; Santos, 1945-1947; Silva, 1950; Sousa, 1950; Caldeira, 1993). Uma consulta rápida por alguns dicionários de língua portuguesa editados em papel comprova a sua inexistência enquanto meio de transporte por arrasto, o que deixa alguma curiosidade a quem estuda a língua. Como é que nenhuma das três possibilidades “corso”, “corsão” e “corsa” surge dicionarizada enquanto meio de transporte específico? Os dicionários na Internet atestam o mesmo vazio, embora surja ressalvado o regionalismo madeirense para “corsa”/ “corça”. Para abreviar, cita-se apenas a versão em CD do Houaiss (2001), enquanto dicionário de língua portuguesa, e inclui-se a entrada “zorra” porque surge enunciada na de “corça”:

#### Corso:

1 (...) 1 HIST MAR tipo de guerra irregular (...) 1.1 MAR obsl tipo de operação naval (...) 2 p ext modo de vida errante que caracteriza alguns povos chamados bárbaros 3 (1679) cortejo, desfile de carros, carruagens ; préstito 3.1 obsl no Carnaval, desfile de carros enfeitados com serpentinas (...) 4 cardume de sardinhas (...)

2 (...) relativo a ou natural ou habitante da ilha de Córscica (actual Córsega), no mar Mediterrâneo; còrsico (...)

3 (...) 1 diz-se de ou onda alta e forte que arrebenta rapidamente na areia (...)

#### Corço:

(...) 1 (...) pequeno veado (...); 2 P Leitão mais novo de uma ninhada GRAM fem. (acp1): *corça* (...) ETIM orig. contr.; tido como regr. de um v. ant. \**corçar*, do lat vulg \**curtiare* der do lat *curtus*, a, um ‘truncado, encurtado’ (...)

**Corsão:** x (sem entrada)

**Corção:** x (sem entrada)

**Corsa:**

(...) (sXV cf. IVPM) *MAD* veículo us. para transporte de passageiros, desprovido de rodas e puxado por homens ou animais ETIM orig obsc; JM indaga se seria regr de cursar, cf it corso (c1257) ‘curso, percurso, viagem por mar, fluxo contínuo de massa líquida’ do lat *cursus, us* ‘corrida, carreira, percurso’; ver 1 *cors-* e *corr-*; f hist sXV *corça* PAR *corça* (...)

**Corça:**

1(...) 1fêmea do corço (...)2 *infrm.* fêmea do veado. ETIM ver *corço* HOM *corsa* (...), *corsa* (...) (‘transporte’)

2 (...)1 TRM *zorra* (‘carro’) tosca para transportar cantaria  
2 *MAD* tábua puxada por junta de bois para transportar mercadorias ETIM orig. obsc.HOM ver em 1 *corça*

**Zorra:**

1 (...) 1 raposa (...) 2 P (...) meretriz 3 (...) pessoa maliciosa (...) talvez seja regr. de um ant. *zorrar* ‘arrastar’, prov. voc. imitativo do ruído provocado pelo atrito de algo ao ser arrastado (...)

2 (...) veículo baixo e resistente, com quatro rodas, us. para transportar carga pesada; jorra 2 espécie de veículo sem rodas, constituído por pedaço de tronco bifurcado ou por duas pranchas grossas e ger. movido por tracção animal ou tractor, us. nas matas e na lavoura para arrastar madeiras, cana-de-açúcar, pedras grandes, etc. (...)

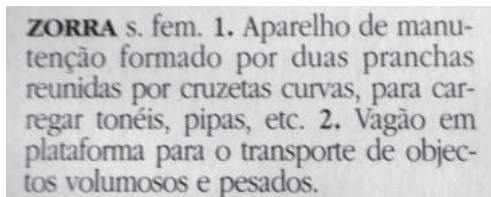
O facto de as palavras, enquanto signos linguísticos que se reportam ao conceito “meio de transporte por arrasto”, não terem relevância para os dicionários de língua leva a reconhecer que, apesar das novas tecnologias registarem constantemente informações e compilarem continuamente dados, é mais viva a fala do que a escrita. No entanto, isso constitui uma dificuldade em si mesmo. A pesquisa levada a efeito permite considerar que o significado de “corso”, “corsão” e “corsa” equivale ao de “zorra”, enquanto meio de transporte rudimentar de carga. Este já figura nos dicionários de língua portuguesa com essa significação. Torna-se claro, no entanto, que aquelas três palavras não são variantes de “zorra”, já que com ela não partilham nenhuma componente do significante. Impõe-se, por conseguinte, continuar a reflexão, respondendo negativamente à pergunta de base. Constituirão “corso”, “corsão”, “corsa” e “zorra” variantes de um significante?

Partindo das coisas, defende-se existir não uma, mas várias e, por conseguinte, nenhuma é variante de outra. Designam algo específico, embora com semelhanças com os outros termos. Não será o significante que varia, mas as coisas. Embora a significação pareça ser coincidente, isso é apenas aparência porque ela não é integral.

## Resultados

Pelo que foi dito, deve considerar-se existirem quatro significantes porque há quatro referentes diferentes e quatro significados distintos. Apenas aparentemente são o mesmo signo e a mesma coisa, mesmo se têm afinidades. Fica claro que, como “casaco”/ “casaca”/ “casacão”, “corso”/ “corsa”/ “corsão” não são o mesmo. Além disso, é uma evidência que, morfológicamente, estes três não terão evoluído de “zorra”, surgindo todos quatro como sinónimos. Aparentemente, “zorra” não seria no passado empregue pelas populações que preferiam os outros signos. Porém, parece haver uma diferença implícita entre eles. Em Ruivós, eram os animais que arrastavam o “corso” e isso ficou evidenciado na explicação e no desenho (cf. Foto 1) do informante idoso da localidade beirã do concelho do Sabugal. Em São Jorge, na ilha açoriana do grupo central, da segunda parte da explicação presente junto à peça do Museu, deduz-se que não seriam os animais (como no carro de bois) a puxar o “corsão”, embora se possa pensar que a diferença residisse apenas na presença de rodas (carro de bois) ou ausência delas (“corsão”). Isto fica claro, relendo a citação: “Apesar da sua aparente simplicidade era de enorme eficiência e utilidade para lugares de difícil acesso ao carro de bois como terrenos íngremes e moles cujas rodas dos carros atolavam, sendo assim mais eficiente o deslizamento sobre a terra.” Não é possível comprovar as diferenças, nem saber se haveria “corso”, “corsa” ou “zorra” no espaço insular referido ou no arquipélago.

Apesar de tudo, a peça de museu foi a oportunidade para associar “corsão” a “corso” e a “corsa”. Comprova-se que o termo a ter em conta deveria ser “zorra”. Este está devidamente dicionarizado e registou-se, inclusive, na *Nova Enciclopédia Larousse* (cf. Foto 15), em que nenhum dos



**Foto 15** – Entrada de “zorra”, *Larousse*, Helena Rebelo, 2021

outros ocorre. A significação corresponde tanto à do informante de Ruivós para “corso” como à de “corsão” no espaço museológico de Velas, em São Jorge, como, ainda, à de “corsa” madeirense. Assim, “zorra” é da mesma família do verbo “azorrar” que significa “arrastar pelo chão”.

Seria interessante compreender como se ligam estes elementos linguísticos e culturais. Seria interessantíssimo perceber que interligação, pela história das palavras, há entre eles e como é que o masculino e o feminino (também o género de “zorra”) surgem a par do masculino aumentativo. O estudo dos elementos linguísticos tem aqui, obrigatoriamente, de ter em conta a matéria cultural. O que têm em comum Ruivós, isto é o concelho do Sabugal, a ilha açoriana de São Jorge e a ilha da Madeira para que nos três territórios surjam vocábulos diferentes, quando a variedade normativa considera “zorra”? A explicação não parece estar na variação geográfica, ou seja, na vertente regional, mas poderá

estar nas especificidades de forma que o meio de transporte de carga por deslizamento, ou arrasto, foi assumindo nos diversos territórios, isto sem considerar as Canárias, que aparecem mencionadas na bibliografia madeirense citada.

Acredita-se que o termo originário seria o masculino – o corso – e que teria a forma em *v* (o identificado pelo informante de Ruivós). Existiriam exemplares com formato maior *V* para cargas mais pesadas designados pelo aumentativo – *corsão* – que o informante também refere. Falta comprovar a sua existência no restante território continental. Daí, teriam vindo para as ilhas dos dois arquipélagos. Para os Açores, é preciso analisar o caso, procurando mais informação. Na Madeira (enquanto ilha porque, no Porto Santo, não se registou), julga-se que, por razões que falta apurar, o formato do “corso” e do *corsão* terão, progressivamente, sido substituídos pelo formato da grade, isto é, o das tábuas ou madeiras paralelas: *v* > *ll* e *V* > *II*. A alteração terá originado a diferença de género gramatical para o feminino – a *corsa* – e o fenómeno de mudança de género para distinções semelhantes não será caso único. Encontra-se, por exemplo, em “a corredora” (corredor no interior da casa) e o “corredor” (a latada contígua a uma parede exterior da casa). O aumentativo terá sido importante para a mudança. Assim, *ter-se-á*, do masculino continental, passado para o feminino madeirense, através do aumentativo. É uma hipótese que merece investigação aprofundada, incluindo no âmbito do Património Linguístico. Depois, é preciso sublinhar que “corsos”, “corsões”, “corsas”, enquanto veículos rudimentares e construídos pelos próprios utilitários, teriam construções bem diversas, variando ainda os modelos.

Embora, o assunto não fique encerrado, conclui-se que:

- a) “*corsão*” (o aumentativo) se registou no Sabugal, nos Açores e na Madeira;
- b) a forma masculina será certamente a original (a coisa e a palavra terão ido do território continental para as ilhas);
- c) terão ocorrido alterações com a seguinte sequência: *corso* > *corsão* > *corsa*;
- d) as alterações linguísticas terão acompanhado as mudanças de formato da coisa, deixando de haver uma, mas várias coisas, com 4 tipos básicos (*v*, *V*, *ll*, *II*);
- e) foram assumindo diferenças consoante as geografias, mudando os materiais e os sistemas, podendo haver animais, mas também pessoas a movimentar o veículo;
- f) por terem outra origem e outra morfologia aqueles três signos serão sinónimos de “*zorra*”;
- g) como veículos de arrasto assemelham-se a *trenós* e, embora não sejam o mesmo, surgem, por vezes, referidos como tal.

## Considerações finais

Há signos linguísticos, o que, *grosso modo*, se costuma chamar “palavras” (unidades linguísticas escritas), que se apresentam com variação no significante, sem se saber qual das variantes será a que origina as restantes, prevalecendo como raiz. Numa primeira análise, este parece ser o caso do vocábulo “corso” recolhido em Ruivós, Sabugal, a par de “corsão”; este último também referenciado na Casa-Museu Cunha da Silveira, Velas, na ilha de São Jorge, e ainda na ilha da Madeira, onde se atestou igualmente “corsa”, para designar, supostamente, um significado comum, isto é, um meio de transporte de carga pesada por arrastamento/ deslizamento, mas que assume diferenças. As três palavras começadas por “cors-“, que parecem ser equivalentes, não o são realmente porque remetem para coisas com diferenças, mesmo se ligeiras, aparentando serem o mesmo. Crê-se que a resposta para simultaneamente a convergência e a divergência estará na ruralidade dos territórios referidos. Seja qual for a sua geografia, a vida do mundo rural tem muitas semelhanças, a nível cultural (cf. definição de Cultural acima). Por isso, há elementos tidos como regionais que, afinal, não o são. Encontrar especificidades e, por conseguinte, diferenças, é o que empreende quem quer identificar os territórios, distinguindo-os uns dos outros.

Os nomes/ as palavras adaptam-se às alterações dos referentes/ das coisas que deixam de ser o que eram para se assumirem diferentes. O ser humano inverte aí o processo da criação do mundo, expresso em “Faça-se o céu”, em que a “palavra” antecede a criação da “coisa”. Em suma, sucede o mesmo que na formulação popular de saber qual dos dois surgiu primeiro: o ovo ou a galinha. Qual deles está em primeiro a palavra ou a coisa? Decerto que, a nível humano, surgirão situações em que a palavra está primeiro e noutras em que a coisa foi concebida antes da palavra. Sendo assim, o método de palavras-coisas não tem a linearidade da escrita. No eixo sintagmático, não tem nada a ver com o facto de aparecer em primeiro e ocupar realmente o primeiro lugar. Fica claro que irá depender das situações porque nem todos os nomes foram dados antes da existência do referente ou o contrário. Inventando algo ou reinventando-o, é atribuído um nome, um signo linguístico, mesmo que seja a alteração de um morfema (-ão) ou uma mudança de género (-o > -a), motivado pela “coisa”. Será o caso aqui em estudo, quanto ao meio de transporte usado para carga pesada que se encontrou referenciado na zona do Sabugal (Guarda, Beira Alta), no Funchal (na ilha da Madeira) e na ilha de São Jorge (nos Açores).

## Referências Bibliográficas

- BRÜDT, Kate (1937-1938) – “Madeira. Estudo Linguístico-Etnográfico” in *Boletim de Filologia*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos de Lisboa, tomo V, pp. 59-91 e 289-349.
- CARVALHO, José Gonçalo Chorão Herculano de (1954) – *Coisas e Palavras: Alguns Problemas Etnográficos e Linguísticos Relacionados com os Primitivos Sistemas de Debulha na Península Ibérica*. Tese de doutoramento em

- Letras (Filologia Românica) apresentada à Fac. de Letras da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/12540>
- CARVALHO, José Gonçalo Chorão Herculano de (1983) – *Teoria da Linguagem*, vol. I, Coimbra: Coimbra Editora.
- CALDEIRA, Abel Marques, *Falares da Ilha. Dicionário da Linguagem Popular Madeirense*, com coordenação de José Abel Caldeira, 1ª edição de 1961, Funchal, Eco do Funchal, 1993.
- COUTO, Hildo Honório do – “Onomasiologia e semasiologia revisitadas pela ecolinguística, Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 183-210, jul./dez. 2012, <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/2748/2703>, última consulta em 23-04-2022.
- FREITAS, Jamille Rabelo de (2011) – “O método de Wörter und Sacher”, <https://secretalitterarum.blogspot.com/2011/11/o-metodo-de-worter-und-sacher.html>, última consulta em 23-04-2022.
- HOUAISS, Ant.; VILLAR, Mauro de Salles (2001), Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda, Porto, Global Notícias, Tema e Debates.
- JAKOBSON, Roman (2005) – *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- MARTINS, Carlos, *Madeira-Mar de Nuvens*, 2.ª edição, Funchal, Tipografia Minerva, 1972.
- PESTANA, Eduardo Antonino – *Ilha da Madeira. II. Estudos Madeirenses*, reedição organizada por Marina Pestana, Funchal, ed. Câmara Municipal, 1970. Inclui “Recensão crítica do trabalho de Francis Rogers”, *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, 1947, vol. I, pp. 223-228 e “A Linguagem Popular da Madeira”, revista: *A Língua Portuguesa*, Tomo V, Fasc. I-IV, 1939-1940.
- RIBEIRO, Emanuel – *Palavras do Arquipélago da Madeira*, Porto, Maranus, 1929.
- SANTOS, Jaime Vieira dos – “Vocabulário do Dialecto Madeirense”; *Revista de Portugal*, série A, Língua Portuguesa, vol. III, pp. 61-64 ou vol. XII, n.º 58, 1945-1947.
- SAUSSURE, Ferdinand (1985) – *Cours de Linguistique générale*. Paris : Payot.
- SILVA, P.º Fernando Augusto da – *Vocabulário Madeirense. Vocabulário Popular do Arquipélago da Madeira. Alguns Subsídios para o seu Estudo*, Funchal, Edição da Junta Geral do Funchal, 1950.
- SILVA, Pe. Fernando Augusta da e MENESES, Carlos Azevedo de – *Elucidário Madeirense*, Funchal, Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1965, 3. Edição, 3 volumes.
- SOUSA, Luís – *Dizeres da Ilha da Madeira. Palavras e Locuções*, Funchal, Ed. de autor, 1950.
- [https://en.wikipedia.org/wiki/W%C3%B6rter\\_und\\_Sachen](https://en.wikipedia.org/wiki/W%C3%B6rter_und_Sachen), última consulta em 23-04-2022.
- RTP-MADEIRA, ATLÂNTIDA 24-07-2021, Corsas, Cruz da Guarda, Porto Da Cruz, <https://www.rtp.pt/33play/p8375/e559859/atlantida-madeira-2021/961428>